

OPÚSCULO 4

— Pequenas Construções Literárias sobre Arquitectura —

André Tavares

AS PERNAS NÃO SERVEM
SÓ PARA ANDAR

para Fernando Távora, com carinho e esperança

AS PERNAS NÃO SERVEM SÓ PARA ANDAR

Proposta de uma viagem à Atlântida.

Voltar a casa. Um momento decisivo da viagem é o regresso. A chegada. Pousar as malas, carregadas como um contingente pesado, reencontrar a cama moldada a preceito. O cheiro do Atlântico no caso do Porto.

Essa tranquilidade, o silêncio de casa, do seu espaço e dos objectos mil vezes reconhecidos, é o momento mais delicioso da viagem. O momento em que as inúmeras experiências insólitas, os momentos absurdos e inexplicáveis, são recordados num ápice. Nesse instante, os lugares transformam-se em imagens e recordações, o calor de facto transforma-se no esboço de um sorriso íntimo, os passos dados transformam-se em saber interpretar de novo, e usar, as tantas coisas arrecadadas no baú mental durante a viagem.

À recomendação didáctica da viagem de estudo: estejam atentos ao que vos for útil no regresso a casa, sobrepõe-se a desesperante condição em que *tudo é útil*. É por isso que os pés são essenciais à cabeça, porque o habitar/existir não tem lugar definido e toda a experiência desse habitar/existir precisa de pousar no chão, sentir a carícia da terra no pé descalço, a humidade do ar, o cheiro insuportável da camioneta durante as intermináveis horas de estrada em forma de pó. Tudo é físico. Inclusivamente o tempo. E isto não é novidade para ninguém. O que é mais absurdo é que a novidade não é novidade nenhuma.

Eu sei, ou creio saber, que o exercício da arquitectura é uma espécie de maneira de estar. Uma inevitabilidade cuja expressão ganha forma no desenho. Esse desenho permite transmitir aos outros o desejo em forma de instruções, desenho que se lê como quem procura o horário



— Tentativa nº 57 —

numa estação de caminhos-de-ferro. E se não lesse? E se ao entrar no comboio não soubesse para onde ele ia nem a que horas ia chegar?

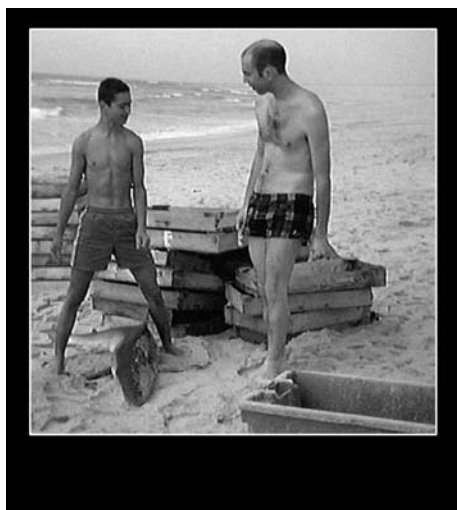
Em primeiro lugar o cobrador ia zangar-se comigo. Eu, mais tranquilo, dispunha-me a pagar o bilhete e a multa. Em segundo lugar, a menina simpática que sorrisa ia estranhar. Por que motivo não saberia eu qual o destino que o comboio levava? O que ganhava eu com isso se era tão fácil saber qual seria esse destino. Bastava olhar para a tabela impressa em milhares de exemplares como quem olha para um desenho de arquitectura. Porém, o caminho de retorno neste raciocínio não é tão linear como inverter o sentido de marcha numa linha de paralelas. O destino do desenho de arquitectura não se sabe qual é.

Guardo na memória uma afirmação de Távora em hora de sobremesa: *A consistência da marmelada é uma coisa complexa*. Depende da intensidade da colher a mexer a massa enquanto coze, da gaze envolta no braço para evitar as queimaduras quando a geleia já ferve, da gramaagem do açúcar, da qualidade do marmelo que por sua vez depende do calor desse verão e da composição orgânica da terra. Nada mais científico (e aleatório) do que a marmelada. A marmelada daqui é diferente da marmelada dali.

Esse é um dos aspectos decisivos da viagem. Aprender quais os ingredientes, as dosagens e os factores que permitem obter a marmelada desejada. Ah! E como é difícil.

Tomemos como exemplo a demorada viagem de Charles Darwin, que durante cinco anos percorreu o mundo, recolhendo peças e documentos para fundamentar as suas teses geológicas e, de regresso à Inglaterra, maturou durante 22 anos as pistas desconexas que o material, no seu conjunto, lhe forneceu. Também as viagens de Le Corbusier eram o momento de recolha de um conjunto monumental de informações que, mais tarde, seriam usadas nos seus projectos. O tema da viagem escolar, no clássico e académico *Grand Prix de Rome*, ou nas bolsas para ir aprender a Paris, esgotou-se com a polémica em torno do projecto da cidade industrial de Tony Garnier, não polémico pelo projecto em si mas pelo facto de ser o relatório do seu prémio académico.

A peregrinação como redescoberta de viagens mitológicas, hoje, corre o risco de esbarrar no próprio mito. Risco de pautar a observação pela crença e não pela experiência. Risco de o mito ser mais real do que a própria realidade.



— Tentativa nº 3 —

Por outro lado, a realidade é banal em demasia para merecer uma viagem. O problema essencial está à frente dos nossos olhos, todos os dias. Para quê visitar os heróis modernos, as mais arrojadas soluções contemporâneas, as inesgotáveis novidades egípcias, as arruinadas ruínas gregas, as cidades no deserto, se essas obras de arquitectura apenas nos oferecem soluções para resolver um problema que não sabemos formular? A resposta é óbvia e cruel: se não sabe, para que é que pergunta? A hipótese de resolver o enigma é objectiva: só resolvendo é que os problemas se resolvem.

O problema em causa é distinguir ou misturar a realidade e a ficção. O debate contemporâneo que aflige os architectos, ou que pelo menos me aflige, é o fosso que se cava entre um universo imaginário, celebrado pelas revistas e patrocinado pelas instituições académicas e bancárias, e um universo objectivo, amargurado no quotidiano sem nenhum patrocínio. O fosso que os separa é imenso, apesar de se confundirem constantemente. A testemunha óbvia é a evidência da miséria, a incompreensão, a exploração e a crueldade, o esbanjamento e a arrogância.

Ao que consta, na Atlântida nada é assim. Como num conto de fadas, o imaginário é a parte mais saborosa da vida. Quando nos abandonamos aos sentidos. Pousamos o pé no chão, sentimos as carícias e o corpo.

ROTEIRO DE UMA VIAGEM À ATLÂNTIDA

Notas para um percurso num cenário de catástrofe.

Uma sugestão de Blaise Cendrars: –Tendes as locomotivas cheias, ides partir.

Um negro gira a manivela do desvio rotativo em que estais. O menor descuido vos fará partir na direção oposta ao vosso destino.

Oswaldo de Andrade,

«Falação» in *Pau Brasil*, Paris, Au Sans Pareil, 1925.

Perante os «critérios de selecção» do prémio a que se candidata esta proposta, devo confessar um certo embaraço, sobretudo no que respeita à «plausibilidade» da viagem. É que, ao contrário de Taliesin, ou do roteiro da *Voyage d'Orient*, facilmente identificáveis no mapa e na cartografia, sobre a Atlântida há poucas certezas. Na maior parte dos casos as descrições são bastante anedóticas e pouco credíveis.

Como escapar a essa vergonha?

A primeira hipótese, eventualmente consonante com um factor terciário dos mesmos critérios, seria uma justificação no domínio da «investigação» sobre a Atlântida, explicar certinho quem era o Platão, de onde surgiu o mito, quando é que o mito se tornou mito ou deixou de ser realidade ou *vice-versa*, explicar com coordenadas científicas, latitude e longitude, saber o meridiano, justificar clamorosamente a existência do continente patético, etc.

Porém, essa hipótese contradiz a vontade de homenagear Fernando Távora, por quem este esforço faz sentido. Se há uma coisa que Távora nos ensinou, foi a pôr os pés no chão e a gozar, experimentando, o peso de um tijolo. E a ouvir. Seja ouvir o tijolo cair e a despedaçar-se no chão, seja aproveitar os cacos resultantes para desenhar na parede (ou no chão) um esquema preciso e sintético de «como se faz» para que o



— Tentativa nº 9 —

operário não obedeça alienado a um mandamento incógnito, mas saiba quem é aquele senhor simpático e o que é que ele quer. Acreditava Távora que assim, consciente e sabedor, o operário poderia desempenhar a sua função com orgulho e ouvir, com prazer, o elogio.

Outra hipótese era consultar a Internet, como quem consulta uma bola de cristal, e indicar os quilómetros, ou as milhas terrestres, marítimas e aéreas, consoante a distância aos paralelos e meridianos. Indicar o estado do tempo previsto e pressuposto, a temperatura ambiente, o número de turistas previstos e a sua importância no Produto Interno Bruto.

Opto por dizer que quero ir de carro, se *quem tem boca vai a Roma* porque não chegaria à Atlântida? A saída está agendada para o dia 14 de Julho, celebrando mais um aniversário da nossa civilização. Depois disso, nada como procurar.

Creio que três semanas serão suficientes para encontrar a Atlântida. Nessa previsão estaria de regresso dia 8 de Agosto, a tempo de celebrar outro aniversário. Há que considerar uma semana para reorganizar os papéis no regresso e sobra um mês para entregar o relatório, tempo que apesar de curto parece ser razoável.

Este programa contém dois riscos de extremo perigo, que podem comprometer o sucesso da empreitada. O primeiro é não encontrar a Atlântida. O segundo é encontrar a Atlântida e não encontrar o caminho de volta. No primeiro caso, o resultado é triste, mas não é grave. Posso sempre apresentar os meus esforços de descoberta, o que vi, se encontrei a porta e de que material ela é construída. O segundo risco é grave, mas é mais divertido. Caso seja possível uma forma de comunicação, teremos sempre a hipótese de celebrar o dia da Arquitectura com um evento de extraordinária importância: a primeira (imagino) comunicação entre a Atlântida e Portugal. Se não houver forma de comunicar será realmente grave e alguém terá de explicar a ausência de comunicador o que, no mínimo, será insólito.

Para além do automóvel para prolongar as sensações, do lápis e papel para escrever e desenhar, da máquina fotográfica para ninguém acreditar e do cartão de crédito para sobreviver, conto levar uma mala ligeira e alguns livros para pensar que vou ler. O primeiro da fila será *Life and opinions of Tristram Shandy, Gentleman* de Sterne, porque um clássico nunca vem só e assim terei companhia.

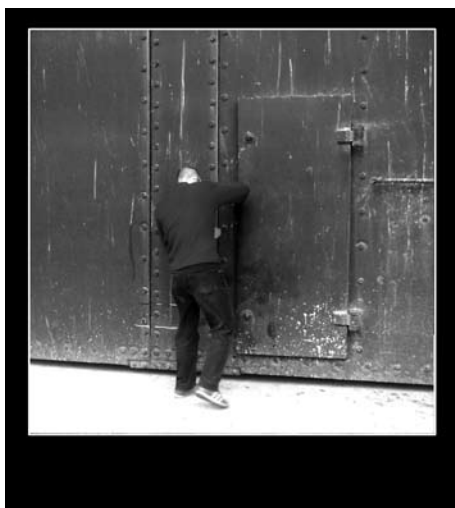


— Tentativa nº 12 —

Não se confunda a minha proposta com o projecto de um relato romântico ou emocionado, na primeira pessoa do singular. A expectativa com que encaro a viagem é conseguir elaborar entre dez a vinte imagens, desenhadas, escritas, cantadas ou faladas, cada uma delas acompanhada por um pequeno comentário descritivo e analítico (seco e duro) que permita compreender o sentido com que observo a Arquitectura da Atlântida, as construções dos seus Atlantes e do modo como habitam o seu mundo. A grande vantagem desse registo é que será o primeiro, liberto de todas as teorias e quiçá, repleto do encanto da primeira vez.

A descrição da viagem será exclusivamente (a não ser que outra circunstância da própria viagem justifique o contrário) da Atlântida, e não do percurso até à Atlântida. Eventualmente, se o choque for grande, justifica-se também a descrição da viagem de regresso, nesse caso encarando a realidade com novos pés.

As pistas que tenho são algumas imagens que encontrei no fundo do baú das minhas memórias, mas são confusas, terei de pedir ajuda a alguém. Caso não encontre a Atlântida, a descrição será exclusivamente elaborada a partir do ponto em que desistir.



— Tentativa nº 27 —

Este texto foi inicialmente apresentado como candidatura ao Prémio Távora 2005, promovido pela Ordem dos Arquitectos, onde não foi premiado. Escrito em São Paulo, recorda vários temas das aulas de Jacques Gubler, responde a uma provocação do Pedro Bandeira e retoma ideias das conversas de almoço com o Guilherme Wisnik.

ANDRÉ TAVARES (Porto, 1976) formou-se na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto em 2000. Em 2005 publicou o livro *Arquitectura antituberculose*. É coordenador editorial na Dafne Editora.

Opúsculos é uma colecção de pequenas obras de autores portugueses onde se dão a conhecer diferentes perspectivas contemporâneas sobre a arquitectura, a sua prática e teorias e o que se pensa e debate em Portugal. Estas pequenas construções literárias sobre arquitectura estão disponíveis em www.dafne.com.pt.